

O Poder Militar Terrestre Holandês no Brasil às vésperas de Guararapes

*Marcos da Cunha e Souza**

RESUMO

O artigo apresenta um estudo-síntese sobre as condições reais do Exército holandês às vésperas das batalhas dos Guararapes. A natureza desse Exército, sua base territorial, seus efetivos e poder de mobilização, sua logística, sistemas tático e de comando, além das condições de treinamento e o moral da tropa são objeto de análise.

PALAVRAS-CHAVE

Companhia das Índias Ocidentais, Recife, Guararapes.

NATUREZA DO EXÉRCITO "HOLANDÊS" NO BRASIL

Para que se compreenda o poder militar holandês referido ao título, dois aspectos devem ser ressaltados.

Em primeiro lugar, os soldados que invadiram o Brasil na primeira metade do século XVII não integravam o Exército da Holanda propriamente dito. A força invasora fora constituída por uma empresa mercantil, criada nos Países Baixos, e que atendia pelo nome de Companhia das Índias Ocidentais. Mas, ainda assim, a estrutura desse exército era inspirada na do seu congênere holandês, assim como os empre-

endimentos da Companhia atendiam aos interesses geopolíticos dos Países Baixos.

Além disso, a força em questão não era composta apenas por naturais dos Países Baixos. Havia um grande contingente de soldados de outras nacionalidades, especialmente alemães, ingleses, escoceses e franceses. Era, portanto, um exército de mercenários, cujo perfil se estendia aos oficiais de todas as patentes, tal como o Coronel polonês Christoff Arciszewsky. No entanto, essa natureza mercenária não deve ser vista com o preconceito do século XX. Naquela época, em que a Guerra dos Trinta Anos dizimava a Europa central, quase todos os exércitos do Velho

* Historiador. Professor do Conselho de História do Exército.

Mundo obedeciam a esse padrão. Assim, daqui para frente, quando falarmos em soldados holandeses, estaremos nos referindo genericamente a todos aqueles que aqui chegaram por conta da Companhia das Índias Ocidentais, independentemente do verdadeiro país de origem.

BASE TERRITORIAL

Às vésperas de Guararapes, o território controlado pelos holandeses no Brasil era apenas uma pálida lembrança daquilo que fora ao tempo do governo de João Maurício de Nassau, época em que se estendera do Maranhão ao sul do Rio São Francisco. O domínio batavo estava agora restrito ao Recife e Cidade Maurícia, o litoral da Paraíba, a ilha de Itamaracá, o Rio Grande do Norte, a ilha de Fernando de Noronha e, talvez, uns quarenta soldados no Ceará.

Era um território, do ponto de vista econômico, inviável. Não controlava mais a cultura da cana-de-açúcar, embora prejudicasse a sua exploração pelos portugueses. No sentido militar, era uma situação também embaraçosa, por ser um domínio descontínuo. Somente a supremacia naval holandesa seria capaz de integrá-lo e abastecê-lo, principalmente após as derrotas de Guararapes.

Recife, que tanto se desenvolvera sob o domínio holandês, sobrevivia agora com dificuldade, devido às ações da guerrilha brasileira que, desde 1645, agia nas suas redondezas. Sua defesa, assim como a da vi-

zinha Cidade Maurícia, era garantida por um imponente complexo de oito fortes e um grande número de redutos de terra e madeira, guarnecidos por cerca de 140 canhões. Situação bem diferente vivia a capital da Paraíba que, desprovida de fortificações, fora considerada indefensável, levando a população a se refugiar precariamente sob os canhões dos três fortes holandeses situados no litoral. No Rio Grande do Norte, o único ponto de apoio era o forte dos Reis Magos, guarnecido por cerca de oitenta homens. Nessa capitania, a rebelião fora extirpada pela raiz, graças ao extermínio de quase toda a população luso-brasileira nos massacres de Cunhaú e Uruaçu. Já a ilha de Itamaracá, cenário de violentos combates a partir de 1645, tinha como último ponto de defesa o forte Orange, construído pelos holandeses a partir de 1631.

EFETIVOS

Calcular o efetivo holandês às vésperas de Guararapes não é uma tarefa fácil. No entanto, uma vez comparadas as várias informações existentes,¹ podemos supor que a Companhia dispunha de cerca de 6.500 homens espalhados pelas suas guarnições no Brasil, a incluir ainda os reforços que chegaram da Holanda a partir de março de 1648². Desse total, pelo menos cinco mil estavam na região do Recife e talvez seiscentos fossem voluntários civis. Os civis eram colonos holandeses ou, ainda, ex-soldados que haviam permanecido no Brasil após cumprirem seu tempo de serviço.

¹ Por exemplo, Boxer, *The Dutch in Brazil*, p. 199.

² Essa frota foi, provavelmente, a mais desafortunada dentre as enviadas da Holanda para o Brasil. A mortandade foi tremenda e alguns navios levaram quase oito meses para completar o trajeto.

Além desses homens, contava ainda com cerca de mil índios, comandados por oficiais europeus, e, pelo menos, uma companhia formada por cinquenta escravos negros.

Cumpra salientar que o exército da Companhia no Brasil era quase que exclusivamente composto por infantes. A artilharia era numerosa nas fortificações, mas pouco presente nos campos de batalha. Os canhões de então prejudicavam a marcha dos exércitos e eram pouco eficientes contra o sistema tático disperso dos brasileiros. Além disso, na primeira metade do século XVII, a proporção entre canhões e soldados era geralmente inferior a 1 para 1000. Quanto à cavalaria, esta não tinha grande utilidade em um país ainda coberto por matas densas e desprovido de estradas³. No entanto, pequenos grupos de cavaleiros são mencionados nos relatos holandeses, em missões de patrulha e reconhecimento.

PODER DE MOBILIZAÇÃO

Durante o governo de Nassau tentou-se estimular a imigração de holandeses para o Brasil. No entanto, a população holandesa talvez nunca tenha ultrapassado a cifra de dez mil indivíduos⁴, dentre os quais a maior parte era de militares. E esse número, por sua vez, diminuiu bastante após o reinício da guerra no Brasil. Assim, a capacidade de mobilização de recrutas junto ao meio civil era bastante limitada, e já havia sido explorada ao extremo desde 1645.

No que tange aos índios, um levantamento concluído pelos holandeses, em

1646, aponta para apenas 3.583 indivíduos relacionados àquelas tribos que apoiavam a Companhia. Esse número reduzido provavelmente não incluía os índios tapuias do chefe Janduí, e que viviam fora dos domínios holandeses. Essas tribos, no entanto, também já tinham feito todo o sacrifício possível, a ponto de obrigar os holandeses a refugiar 1.200 mulheres e crianças na ilha de Itamaracá (e posteriormente no Rio Grande), para que os homens pudessem lutar.

Destarte, esgotados os recursos de mobilização, dependiam os holandeses totalmente do envio de reforços dos Países Baixos.

LOGÍSTICA

No que tange ao armamento e munição, os holandeses eram extremamente dependentes da longínqua Europa. Essa dependência se estendia até mesmo às ferramentas necessárias à manutenção das fortificações, tais como pás, machados e carros de mão. Quanto aos alimentos, porém, afere-se que o soldado holandês de então já se acostumara com a comida local, onde a farinha de mandioca tinha um papel preponderante. Felizmente para a Companhia, o Rio Grande do Norte e a ilha de Itamaracá continuaram por muito tempo a fornecer suprimentos para o Recife, sob a forma de carne, farinha e frutas. Mas para isso dependia, mais uma vez, do transporte marítimo.

Com o passar dos anos, as depredações causadas por seus aliados índios e pela guerrilha brasileira levariam essas duas

³ Vide o comentário de Pierre Moreau, *História das Últimas Lutas no Brasil*, p. 28.

⁴ *Fontes Para a História do Brasil Holandês*, vol. 2, p. 203.

áreas ao esgotamento, e a fome se alastrava pelo Recife.

O armamento, como se pode supor, era trazido da Europa. No período que precede Guararapes, estando a Companhia empobrecida pela perda da região açucareira, passou a equipar as tropas com equipamento de qualidade inferior. É o que se vê do ofício enviado por von Schkoppe à Holanda, apenas quatro dias antes da batalha, onde relata:

Todos os dias recebo queixas dos oficiais relativas às armas ruins de que se acham munidas as tropas recentemente chegadas, não sendo o calibre conforme, do que podem resultar grandes inconvenientes, pois o calibre das espingardas e dos mosquetes é diferente e diariamente os oficiais têm de recomendar aos soldados que raspem suas balas, para ajustá-las às espingardas e mosquetes.

SISTEMA DE COMANDO

A Companhia das Índias Ocidentais, como todo empreendimento comercial, dependia do lucro para sobreviver. Porém, o sucesso de suas atividades mercantis dependia de batalhas vitoriosas e vultosos investimentos bélicos. Logo, para os sócios e administradores da empresa, a direção das operações militares não poderia estar totalmente entregue nas mãos de chefes militares. Daí porque a Companhia adotou, a exemplo do Exército holandês propriamente dito, um sistema de controle civil.

Por esse sistema, os comandantes tinham atribuições bastante limitadas e, nas

operações de grande vulto, eram geralmente vigiados, se não comandados, por funcionários civis. Em algumas ocasiões esse sistema gerou resultados insólitos, tal como o relatado, na primeira pessoa do singular, por Nieuhof, um funcionário civil da Companhia. Ele nos conta³ que foi enviado para auxiliar uma expedição militar ao Rio São Francisco, em 1646, ocasião em que o acampamento holandês pegou fogo. O comandante da operação, Coronel Hinderson, o procurou, pedindo que Nieuhof fornecesse roupas aos que tudo perderam, fazendo o desconto relativo em seus soldos. O funcionário civil, no entanto, disse que nada poderia fazer sem autorização vinda de Recife, até porque alguns soldados tinham já pouco dinheiro a receber da Companhia. Podemos apenas imaginar os efeitos desse raciocínio burocrático sobre o moral da tropa.

Ainda assim, o sistema adotado pela Companhia e pelos Países Baixos propriamente ditos era em muito superior àquela utilizado por outras potências europeias, tais como a Inglaterra e a França de Luís XIII. Nesses países predominava, por vezes, um verdadeiro amadorismo, agravado pela disputa entre títulos de nobreza e patentes militares.

O SISTEMA TÁTICO HOLANDÊS

Esse aspecto deve ser analisado com uma certa reserva, pois ainda existem algumas controvérsias entre os autores estrangeiros. Entre os brasileiros, muitos se baseiam no sistema descrito pelo historiador militar português Carlos Selvagem.

³ Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*.

O Exército holandês era, na primeira metade do século XVII, um dos mais modernos da Europa. Ele fora, inclusive, a fonte de inspiração para a grande revolução da arte militar encabeçada por Gustavo Adolfo, a partir de 1630. Além disso, muitos jovens protestantes europeus iniciaram suas carreiras na Holanda, para depois se destacarem em seus países de origem. Tal foi o caso de Turenne, que se tornaria um dos maiores personagens da história militar francesa.

Antes que o sistema tático holandês fosse desenvolvido, a Europa assistira à supremacia da Infantaria espanhola, que tinha por unidade básica o gigantesco terço. Era uma estrutura compacta, de mais de dois mil homens, com um quadrado central de piqueiros, apoiado por quadrados menores de mosqueteiros. Assemelhava-se a uma fortaleza móvel, capaz de se defender com a mesma energia em todas as direções. Os terços, no entanto, eram lentos no campo de batalha e extremamente vulneráveis à Artilharia e ao fogo em geral.

Contra essa estrutura, os holandeses criaram um sistema mais flexível e que ampliava consideravelmente o poder de fogo da Infantaria. Seu desenvolvimento foi fruto da experiência acumulada duran-

te a longa guerra com a Espanha (1568-1609, renovada em 1621) e de um detido estudo de teóricos gregos e romanos. O primeiro grande resultado desse esforço se deu em 1600, quando dez mil holandeses derrotaram um efetivo equivalente de espanhóis na batalha de Nieuport⁶.

A unidade tática holandesa era o batalhão, composto por cerca de 580 homens⁷. Dois batalhões formavam um regimento e, seis a oito batalhões, uma espécie de brigada. As companhias que constituíam os batalhões tinham um efetivo de 120 soldados, além de 13 oficiais e sargentos. Se, no começo daquele século, os piqueiros representavam a maioria dentro das unidades, à época de Guararapes o grosso da tropa batava já era equipado com armas de fogo.⁸

Os atiradores holandeses não tinham uma posição estática durante o combate. De acordo com as necessidades, eles podiam se colocar à frente, dos lados ou atrás da linha de piqueiros. Além disso eram treinados para aumentar a cadência de tiro, racionalizando o trabalho do grupo e de cada indivíduo. Nesse sentido, eram dispostos geralmente em cinco linhas. Cada linha que atirava movia-se para a retaguarda do dispositivo, abrindo caminho para o disparo da linha se-

⁶ A batalha se deu em meio a uma situação estratégica totalmente desfavorável aos holandeses, que não tinham para onde escapar em caso de derrota. O terreno, arenoso e estreito, limitado ao norte pelo mar e ao sul por dunas, prejudicou o papel tradicional da Cavalaria. Nessa pequena arena, os batalhões da república rebelde, menores e mais maleáveis do que a pesada estrutura espanhola, obtiveram uma incrível vitória. A Artilharia espanhola, atolada na areia, teve pouco efeito.

⁷ Geoffrey Parker (*The Military Revolution*, p. 20), Carlos Selvagem (*Portugal Militar*, p. 380), Souza Júnior (*Do Recôncavo aos Guararapes*, p. 134) e Jean Perré (*La Guerre et ses Mutations*, p. 237) falam em quinhentos homens. Cláudio Moreira Bento (*As Batalhas dos Guararapes*, p. 62) coloca os regimentos com quinhentos homens.

⁸ A proporção entre piqueiros e atiradores dentro das companhias e, conseqüentemente, nos batalhões, é motivo de controvérsias. M. D. Feld (*The Structure of Violence: Armed Forces and Social Systems*, p. 178) fala em 45 piqueiros e 74 atiradores por companhia. Motley (*The Unites Netherlands - 1584/1609*) diminui o tamanho da companhia e coloca apenas 30 piqueiros para 64 atiradores.

guinte, que repetia a operação, de modo a permitir um fogo quase constante.

Quando em coluna, na marcha para o combate, o Exército holandês se dividia em vanguarda, corpo de batalha (grosso) e retaguarda. Essa divisão se fazia útil quando do desdobramento para o combate. Nesse momento, o corpo de batalha se colocava no centro do dispositivo, tendo a vanguarda e a retaguarda em suas alas. Mas se o terreno era estreito, esses três corpos não se desdobravam e eram empregados sucessivamente.

Mas, no que pertine especificamente às forças holandesas no Brasil, afere-se dos documentos disponíveis que as companhias raramente alcançavam o seu efetivo completo. Em um relatório de 1640 vemos, por exemplo, o caso extremo de um capitão à frente de uma companhia de apenas 13 homens. Assim, quando observarmos os regimentos holandeses presentes em Guararapes, não devemos tomá-los por seus efetivos teóricos, pois não deveriam exceder em muito a força de um batalhão.

Tomando ainda por base as fontes holandesas, seria interessante notar que os batalhões e regimentos não existiam na prática, e somente eram constituídos às vésperas de grandes engajamentos, tais como a batalha de Guararapes. No dia-a-dia das guarnições, a estrutura básica era mesmo a companhia.⁹

No mais, a batalha em questão nos mostrará que o sistema tático holandês, embora fosse excelente para as condições européias, era desaconselhável para a guerra que se travava no Brasil. A rigidez dos batalhões

batavos, tão útil para o perfeito emprego dos piques, se apresentaria inadequada em face do terreno e do adversário.

TREINAMENTO

De início devemos lembrar que grande parte dos soldados da Companhia possuía uma extensa experiência adquirida em guerras européias. Ainda assim, os holandeses não descuidavam do treinamento da tropa.

Eles desenvolveram, no início daquele século, um manual específico para o treinamento dos soldados no uso do armamento de Infantaria. *O kriegsbuch*, de João de Nassau, era um livro ilustrado e que mostrava passo a passo os movimentos necessários para o disparo e recarregamento do arcabuz e do mosquete, além da correta utilização do pique. Quanto a esse último armamento, embora fosse tecnologicamente menos complexo do que os outros dois, exigia um período maior de treinamento, razão que também contribuiu para o seu posterior desaparecimento.

Ambrósio Richshoffer, que foi soldado da Companhia das Índias Ocidentais durante os primeiros anos da ocupação de Pernambuco, nos conta alguma coisa sobre o seu período de treinamento, quando lhe exigiam que recarregasse seu mosquete, em rápida sucessão, enquanto andava.

No entanto, os soldados holandeses de 1648, estando confinados em território bastante restrito, não poderiam se preparar adequadamente para as condições e o terreno que iriam encontrar fora da área fortificada do Recife.

⁹ Um exemplo prático do sistema holandês empregado no Brasil é a batalha da Mata Redonda, cujo mapa pode ser encontrado no primeiro volume da *História do Exército Brasileiro*.

O MORAL

O Exército holandês enfrentou, a partir de 1645, uma série de problemas que viriam a ter efeitos negativos sobre o moral da tropa.

Em primeiro lugar, como vimos, a guerrilha brasileira conseguira dominar totalmente o interior de Pernambuco e da Paraíba, desestruturando assim os suprimentos holandeses. Isso fez com que cachorros, gatos, cavalos e mesmo ratos passassem a ser consumidos no Recife. A água era quase sempre salobra e sofria-se com a escassez de lenha para a preparação dos alimentos. A falta de comida adequada e suficiente gerou inúmeros casos de deserção e insubordinação. Pierre Moreau, funcionário da Companhia, nos conta que:

Um dia em que os Senhores [do Conselho] se tinham reunido em casa de um deles para jantar, uma dúzia de soldados ousados o soube; subiram à sala no momento em que esses Senhores se preparavam para tomar lugar, puseram-se eles próprios à mesa (...) e causaram-lhes tanto medo que estes, acreditando que iam ser assassinados, saíram habilmente da casa e deixaram-nos comer, bem satisfeitos de se livrarem, por um banquete, ficando os soldados radiantes, de seu lado, por haverem-nos deixado comer regularmente em paz.

Além da fome, havia outros problemas cotidianos, tais como a vida sedentária de uma guarnição sitiada e o calor tropical – este último sempre citado como fonte de desânimo e doenças.

Esses sofrimentos, porém, não destruíram o ânimo da soldadesca para a luta. Ainda segundo Moreau, os soldados *procedentes de diversas nações, bradavam em*

altas vozes, que não se tinham comprometido a morrer à míngua e preferiam ir perder a vida num ataque a terminar seus dias à maneira dos indigentes e pedintes.

O que parece interessante, e ainda pouco analisado pelos historiadores militares, é a influência que o convívio com o povo luso-brasileiro gerou sobre o ânimo beligerante do soldado holandês. Entre 1630 e 1648, dezenas de oficiais e soldados holandeses se uniram a mulheres luso-brasileiras, constituindo famílias que acabaram por ingressar na sociedade da colônia. A maior parte dessas famílias foi objeto de preconceitos, pois esses casamentos não eram reconhecidos pela Igreja Católica. Ainda assim, daquela prática resultaram alguns fatos interessantes para o nosso estudo.

Em agosto de 1645, o forte do Pontal de Nazaré, guarnecido por quase trezentos soldados holandeses e voluntários, era comandado pelo Major Hoogstraten, homem de confiança do Conselho. No entanto, após uma débil resistência, esse oficial vendeu a praça, por 18 mil florins, aos patriotas que a cercavam. Hoogstraten e a maior parte de seus soldados se alistaram em seguida nas forças brasileiras. Embora muitos tenham sido forçados a tomar essa atitude, sabe-se que alguns dos oficiais da guarnição eram casados com portuguesas. Um deles, inclusive, tem seu sobrenome bastante difundido no Brasil do século XX. Refiro-me ao Capitão Gaspar Van der Ley (Vanderley).

Os muitos anos vividos no Brasil por esses militares, e os já referidos casamentos com moças locais, mudaram o pensar e o sentir de alguns. Jacob Rabe, funcionário da Companhia, tornara-se influente junto

aos índios tapuias, que o adoravam. A aliança com esses índios fora sempre de grande utilidade para os holandeses que, por isso, toleravam os crimes cometidos por eles contra os colonos do Rio Grande do Norte. No entanto, Rabe foi assassinado pelo comandante holandês daquela capitania, o Major Joris Garstman. Esse último, vivia no Brasil desde os primeiros anos da invasão de Pernambuco e, casado com uma brasileira, tivera o sogro assassinado por índios sob o comando de Rabe. A vingança de Garstman teve graves conseqüências sobre o relacionamento dos holandeses com os tapuias, uma vez que estes nunca mais se identificaram com qualquer outro emissário da Companhia.

CONCLUSÃO

Dos elementos acima analisados, verificamos que o poder militar holandês às vésperas de Guararapes estava em declínio.

A dependência de recursos externos para a manutenção da luta foi agravada pela

rápida perda de base territorial, a partir de 1645. Esse fator, como vimos, gerou o desabastecimento do principal centro populacional (Recife-Cidade Maurícia), o que, por sua vez, atingiu o moral da tropa, levando-a à insubordinação e à deserção.

Essa situação desfavorável não era, porém, irreversível, nem capaz de impedir um rápido soerguimento. A Companhia das Índias Ocidentais possuía um efetivo considerável, constituído por soldados experientes, bem treinados, e enquadrados por um sistema tático que, se não era o ideal para o cenário brasileiro, ainda era um dos melhores da Europa.

Assim, Guararapes surge como uma oportunidade decisiva para os holandeses, que, apesar de todas as dificuldades descritas, conseguiram concentrar uma força apreciável, num único ponto, contra um adversário em inferioridade numérica e que, esperava-se, seria pego de surpresa.

O porquê do insucesso dessa desesperada empresa é questão que este ensaio, por si só, não pode esclarecer. ●



*Seja assinante
da BIBLIEX
e receba sempre
bons livros*